

VERBETE – JFV e Camões – Edição - Dicionário Caminho

Jorge Ferreira de Vasconcelos

Comediógrafo português – (Lisboa? Coimbra? c 1515- 1525 – 1585)

Jorge Ferreira de Vasconcelos realiza na sua obra dramática, uma síntese de comédia portuguesa, um encontro entre o antigo e o moderno, entre a cultura clássica e a popular, o universal e o nacional. O comediógrafo abraça as inovações renascentistas e a moda italiana, cruzando-as com um fundo comum e absorvendo de uma maneira livre e inventiva uma série de fontes múltiplas. Nas suas comédias, *Eufrosina*, *Aulegrafia* e *Ulysippo* a forma é dramática e não narrativa. As suas personagens desenvolvem *in praesentia* as suas estratégias e evoluem através de acções em situação. Toda a acção das personagens pede palco, reclama representação e respira teatro, grande teatro.

A relação intertextual entre a *Eufrosina*, o *Filodemo* e as *Cartas* de Camões, quer quanto à linguagem e ao estilo, quer quanto à situação dramática e à caracterização das personagens, tem sido objecto de alguma atenção. Após Eugenio Asensio, António José Saraiva em 1962, refere que o *Auto de Filodemo*, representado em Goa no ano de 1555, manifesta “a flagrante influência da *Comedia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos”, impressa, pela primeira vez, nesse mesmo ano. Para si “Camões só poderia ter conhecido a Comédia em manuscrito ou representada, e mais facilmente em Coimbra, no meio estudantil, onde a obra foi escrita e certamente dada a conhecer, do que em Lisboa”. Na esteira de António José Saraiva, José Hermano Saraiva e Hernani Cidade, teceram também algumas considerações a propósito. Luiz Francisco Rebello, em *Variações sobre o teatro de Camões*, também se refere a autores com “diálogos aparentados”. Vanda Anastácio, na sua edição do *Teatro Completo*, assinala, quanto à estrutura formal do *Filodemo*, a interferência de outros modelos dramáticos, para além do auto peninsular, como seja, a “comédia derivada do modelo medieval neolatino”, cujos exemplos são a *Celestina* e a portuguesa *Eufrosina*. Nesse prefácio ao teatro de Camões, e a propósito dos dois pares Filodemo/Duriano e Dionisa/Solina, indica uma série de relações e situações, que se directamente dizem muito sobre o próprio Auto, indirectamente, não dizem menos sobre a *Comedia Eufrosina*, o que em si mesmo é significativo da ligação estreita entre as duas obras. Isabel Almeida, no artigo *Cores de uma manta do Alentejo – notas sobre o texto do Auto do Filodemo*, publicado em 2004,

relembra o estudo de Asensio, em que é sublinhado a dívida deste auto de Camões em relação à comédia redigida por Vasconcelos, por volta de 1542. Também quanto a si, “À afinidade essencial da intriga (história de amor entre figuras de desigual estatuto), somam-se flagrantes similitudes na caracterização de personagens basilares e suas relações: Zelótipo e Cariófilo (o amador que em *Eufrosina* se diz “contemplativo” e aquele que se exhibe como impenitentemente “activo”) repercutem-se na dupla Filodemo e Duriano. Eufrosina e Sílvia de Sousa, criaturas de Vasconcelos, são reinventadas, em *Filodemo*, no par composto por Dionisa e Solina”. Pelo confronto de alguns excertos da *Eufrosina*, vemos que Cariófilo, ri-se de Bembo, Petrarca e de “trinta Platões” e, prático nos amores, proclama “De mi vos sei dizer que os meus amores hão-de ser activos”, encontrando expressivo seguidor em Duriano no *Filodemo*. O mesmo acontece com as figuras femininas onde a situação dramática, tema, intriga e caracterização das personagens tem correspondência nos dois pares de donzelas Sílvia de Sousa/Eufrosina, e Solina/Dionisa. Isabel Almeida não deixa de realçar que “Tais confrontos (e o número poderia alargar-se) provam à saciedade a ligação estreita existente entre ambos os textos”, mas, adverte para a complexidade da questão, pois, quanto a si, a imitação/recriação gera vínculos, como também acarreta discrepâncias.

Do ponto de vista da experiência dramaturgica e de palco já realizada, foi possível constatar a estreita familiaridade entre as personagens e a intertextualidade existente entre os dois textos. Este reconhecimento prático, *in loco*, levou a determinadas opções de dramaturgia no espectáculo *Camões – tanta guerra, tanto engano* (apresentado em Lisboa, na Igreja do Convento dos Inglesinho, em 1996, com encenação de Silvina Pereira e produção do Teatro Maizum), começando o espectáculo, com alguns excertos do *Filodemo*, numa espécie de memória intertextual, prolongando a experiência emocional e estética da *Comedia Eufrosina* (estreado no mesmo espaço, no ano anterior, em 1995, também com encenação de Silvina Pereira e produção do Teatro Maizum). Às frequentes correspondências textuais acrescentava-se a existência de situações dramáticas similares. Ou seja, o texto dramático de Camões era terra conhecida, a partir da experiência de leitura e representação da *Eufrosina*. Mais ainda, o registo pícaro e sensual de Cariófilo, ou o relato sobre as mulheres de Goa, na Carta da Índia enviada pelo irmão da personagem Sílvia de Sousa, extravasava do auto, reaparecendo em pleno nas *Cartas* de Camões.

O olhar atento de António José Saraiva reconheceu as relações intertextuais existentes entre as comédias *Eufrosina* e *Ulysippo* e as *Cartas* de Camões, observando

que “há uma alusão a um bordel de Lisboa, que o autor crismou de “Mal Cozinhado”, o mesmo nome que a *Eufrosina* atribui a uma casa congénere em Coimbra”. Em sua opinião, este facto mostraria que Camões teria frequentado, como Vasconcelos, o meio estudantil coimbrão, por volta de 1540. Também Aquilino Ribeiro, em *Cartas eróticas de Camões*, havia escrito que “Luís de Camões cevou os dentes todos na maçã pecadora! E ele na juventude devia tê-los rijos e carniceros”. O tom licencioso galhofeiro e sarcástico da I carta escrita de Lisboa, por volta de 1552 e 1553 (entre o regresso de Ceuta e o episódio com Gonçalo Borges no dia de Corpo de Deus), para um amigo que se encontrava em Coimbra, mostra bem, como a vida se sobrepõe à literatura, como “uma contraface de humanidade e de quotidiano”, na expressão feliz e autorizada de Aníbal Pinto de Castro.

O mito biográfico criado em Camões, mais parece pertencer à galeria de retratos ficcionados do teatro de Vasconcelos, surgindo na pena dos seus biógrafos como um dos muitos escudeiros que povoam as três comédias. Podemos encontrar um Camões dramático e teatral no megárico e sensual Cariófilo, no melancólico e desesperado Zelótipo, que por amor se “meteo em hum laberinto de dores”; no queixoso e humilhado Grasiel de Abreu, bem pouco bafejado pela fortuna nos seus amores com Filomela, ou no enamorado Hypolito (filho do devasso Ulysippo), irremediável, estroina e jogador, não hesitando entrar com chave no cofre paterno, para custear o “negro vicio sensual”.

O dramaturgo Jorge Ferreira de Vasconcelos criou dezenas de figuras teatrais e a sua vida repartiu por essas personagens magistralmente conseguidas, verdadeiros caracteres em acção. As suas figuras denunciam vícios públicos e fazem uso de uma “mordedura satírica” nada meiga, sabendo contudo, que são apenas mais um peão no xadrês do mundo, e, por isso, despegam-se de si e almejam lançar-se nessa Índia, como forma de endireitar a vida. Muitas dessas personagens que esperam despacho não chegam a partir, e outras, compelidas, são salvas pelo autor, à última hora, desse lugar de desterro. E, ele próprio, espírito lúcido e avisado, para quem a Índia era mais terra de perdição do que de promessa, nunca chegou a partir. Para si, Vasconcelos, escolheu vida de funcionário. Homem da pena e cortesão, cumpriu na vida, o que na ficção proverbialmente antecipou. Mas, veja-se como em alguns dos seus textos, a impotência e o desencanto são tremendos.

E é disso que fala a “Carta que se achou entre os papéis de Jorge Ferreira de Vasconcellos”, 344 versos publicados na edição da *Comedia Aulegrafia* de 1616, epístola num tom confessional, autobiográfica, um “grito de angústia existencial”,

segundo Jean Subirats. Os dois últimos versos da última oitava, dessa carta “Em desertos queixar-me-ei, / Lá acharei quem me persiga”, são um remate atormentado e enrouquecido, um grito de desabafo e de desencanto da vida, desentendido consigo e com os outros, cujo paralelo se encontra nas redondilhas sobre o *desconcerto do mundo* ou nas canções IX e X de Luís de Camões.

Vida e obra, realidade e ficção, comédia e tragédia, entrelaçam a vida dos homens. Na vida, Camões poderia ter tido uma carreira análoga à de Jorge Ferreira de Vasconcelos, mas tal, não aconteceu. Chegados ao ocaso da vida, bem diferente era a situação de cada um destes homens, nessa primavera do ano de 1570. Jorge Ferreira de Vasconcelos, alto funcionário público, no cargo de *Thesoureiro da casa de D. Sebastião* e Luís de Camões, recém-chegado, carregando pela cidade o fardo da miséria e da doença e lutando pela publicação dos seus versos e por uma tença de D. Sebastião. No entanto, a morte, a roda da fortuna, trocando de sentido, favoreceu e compensou “o príncipe dos poetas”, e esqueceu o dramaturgo.

Uma história da Literatura portuguesa, na perspectiva “do que *de facto se não sabe* acerca de quantos escritores nasceram em Portugal ou em português escreveram” de que falava Jorge de Sena, a propósito do poeta Bernardim Ribeiro, tem com certeza muitos protagonistas. Um deles é, certamente, Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Até há pouco dispúnhamos de dois documentos: o *Rol de Moradores da Casa do Infante D. Duarte* de 1540 publicado em 1742 por António Caetano de Sousa, no qual Jorge Ferreira de Vasconcelos consta como moço de câmara do Infante D. Duarte, irmão de D. João III, e um documento de 10 de Julho de 1563, divulgado por Brito Rebelo no início do século XX, onde se refere que Jorge Ferreira de Vasconcelos tinha o ofício de escrivão do Tesouro. Da restante informação biográfica sobre Jorge Ferreira de Vasconcelos são de destacar: o verbete do bibliógrafo João Franco Barreto na *Bibliotheca Lusitana* (ca 1670), crucial porque permite confirmar os dados deixados por Diogo Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana* de 1747, cujas informações foram muitas vezes postas em causa; as hipóteses erradas de Teófilo Braga propostas em 1870, confundindo-o com um Jorge Vasco Gonçellos, poeta menor do *Cancioneiro Geral*; e as notas de Carolina Michaelis de Vasconcelos enviadas a Menéndez y Pelayo em 1909, que no essencial, contraria tudo o que havia sido defendido pelo autor da *História do teatro portuguez II*. Nesse estudo, editado por G. C. Rossi em 1948, a lusitanista alemã chamava a atenção de que “Nenhum Coevo o menciona”, assinalando ainda que como “excepção temos apenas os dísticos latinos de Diogo de Teive”. É possível hoje,

relativizar esta sua afirmação, pois encontra-se uma outra menção ao comediógrafo, feita por Pero de Magalhães de Gândavo, em 1574, na obra *Regras que Ensinam a Maneira de Escrever e Orthografia da Lingua Portuguesa* ..., publicada no capítulo sobre o elogio da Língua Portuguesa, menção essa que se torna muito significativa, pois foi publicada em vida de Ferreira de Vasconcelos, ao contrário do poema laudatório de Teive, que só sairá *a posteriori*. A frase da lusitanista alemã, apesar de poder encerrar uma espécie de veredicto fatalista, constitui, no entanto, um desafio que nos empurra a contrariar e a superar esse tão fraco interesse, por uma obra de incontestável valia para os estudos literários e artísticos da cultura portuguesa. Perante esta situação, Menéndez y Pelayo, não deixará de assinalar em *Orígenes de la Novela*, no Tomo III, que “Tan ingratos y olvidadizos han sido los portugueses com un escritor de tanto ingenio y cultura”. Neste cômputo, deverá ser realçado, nos anos cinquenta, o estudo de Eugenio Asensio e a sua opção de não entrar nas areias movediças das parcas informações biográficas sobre o autor da *Eufrosina*, preferindo fixar-se na investigação e análise da obra. E na década de oitenta, a tese de Doutoramento de Jean Subirats, orientada por António José Saraiva, que pode ser considerado como o segundo trabalho de grande fôlego sobre o escritor, queixando-se então Jean Subirats, da carência total de documentação biográfica. Finalmente, em 2008, no artigo *Arquivos falantes – 5 Documentos inéditos sobre Jorge Ferreira de Vasconcelos*, publicado na revista *Românica* e na sua dissertação de Doutoramento, de 2010, intitulada *Tras a nevoa vem o sol – as comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos*, Silvina Pereira, divulga um total de sete documentos que permitem certificar a carreira profissional do autor e contribuir para uma biografia documentada de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Jorge Ferreira de Vasconcelos nasceu na segunda ou terceira década do século XVI (1515? 1525?). Seu pai, António Dias [Pereira] Ferreira, era natural de Coimbra. Foi criado do duque de Aveiro, D. João de Lencastre, e são-lhe atribuídos os títulos de doutor jurista e de Cavaleiro da Ordem de Cristo. Não se encontrou, porém, por enquanto, documentação comprovativa destas informações. Exerceu os seguintes ofícios e cargos: moço de câmara do Infante D. Duarte, moço de câmara de D. João III, escrivão do tesouro da casa real e Tesoureiro do Tesouro Real. Sua filha, Briolanja Mendes de Vasconcelos, casou com D. António de Noronha, futuro editor das edições seiscentistas das comédias *Ulysippo* e *Aulegrafia*, três décadas mais tarde. Em 1550 Vasconcelos encontra-se em Lisboa a escrever sobre o Torneio de Xabregas. Perdeu um filho jovem em 1578, na batalha de Alcácer Quibir. Foi casado com D. Ana de Souto,

senhora nobre. Morreu em 1585. Os documentos agora encontrados permitem: Comprovar o cargo de moço de câmara de D. João III e, em dois períodos, o de Tesoureiro do Tesouro Real; datar o início das funções como escrivão do Tesouro em 1553, assinalar que exercia as de Tesoureiro do Tesouro em 1564 (sob a regência do Cardeal D. Henrique) e comprovar que voltou a exercê-las, já no reinado de D. Sebastião, no período 1570-1575, tendo abandonado o cargo a 26 de Julho de 1576; datar o início e o termo das funções como tesoureiro do Armazém da Guiné e Índia, ao serviço de Filipe I, no período entre 4 de Outubro de 1580 até [31] de Dezembro de 1583; comprovar o casamento de D. Briolanja com D. António de Noronha, datá-lo de 23 de Novembro de 1584, e saber que foi celebrado na recém-levantada Freguesia do Sacramento, cuja capela era sita na Igreja da Trindade, em Lisboa. Poder-se-ão colocar ainda algumas dúvidas e conjecturas: Terá chegado a estar ao serviço do Príncipe D. João, dado que lhe dedicou duas obras, *Os Triunfos de Sagramor* em 1554 e a *Comedia Eufrosina* em 1555, ou terá transitado directamente para o serviço do Rei D. João III? Terá permanecido, para além de 1576, ao serviço de D. Sebastião? E com que funções?

À Igreja da Trindade, onde se realizou a cerimónia do casamento da filha de Jorge Ferreira de Vasconcelos, estão ligados vários factos, prováveis ou confirmados, da sua vida: no mesmo templo existia uma capela de “moços de câmara” do rei desde 1570, o que pode significar que ele a teria frequentado com assiduidade; os religiosos Trinitários tinham a incumbência de tratar do resgate de cativos, e Jorge Ferreira de Vasconcelos esteve muito provavelmente envolvido num processo desse género, relativo ao seu filho, em 1578; e por último, nela haveriam de repousar os seus ossos, no cruzeiro da igreja, em 1585, depois soterrados no terramoto de 1 de Novembro de 1755. Se a tudo isto juntarmos o facto de a acção da *Comedia Ulysippo* se situar quase toda entre S. Roque e a Trindade, podemos presumir que poderá ter vivido nesta zona de Lisboa. Submerso no antigo arruamento quinhentista, posteriormente escondido pela distribuição dos lotes estabelecidos no tempo dos liberais, aí jaz o *moço de câmara*, o *escrivão do tesouro real*, o *tesoureiro do Rei*, o *tesoureiro do Armazém da Guiné e Índia*, Jorge Ferreira de Vasconcelos.

Este artista do Renascimento português, cujos dotes de escritor e comediógrafo se comprovam com a leitura das suas obras, concorreu significativamente para o enriquecimento do teatro português, tendo suscitado o entusiasmo dos seus contemporâneos, atestado pelas muitas leituras e edições de que a sua obra foi objecto.

Da obra que lhe é atribuída, somente as três comédias, *Eufrosina*, *Ulysippo*, *Aulegrafia* e o *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, são hoje conhecidas. As restantes obras encontram-se hoje desaparecidas, com excepção de uma que se crê ter sido impressa, o livro de cavalarias *Triunfos de Sagramor*, do qual se desconhece o paradeiro, embora tenha sido diversas vezes descrito. Há ainda notícia de outros livros desaparecidos: por exemplo a 1ª edição da *Comedia Ulysippo*, que depois de mencionada no *Rol dos Livros Defesos* de 1561, no *Rol dos livros que neste reyno se prohibem* de 1564 e no *Catalogo dos livros que se prohibem* de 1581, desapareceu sem deixar rasto, nem sequer a data da impressão. Não se saberia da existência desta edição se não fosse o frontispício da 2ª edição *emmendada* de 1618, e naturalmente o facto de constar nos *Índices* acima descritos.

A aceitar a existência da edição de *Os Triunfos de Sagramor*, Jorge Ferreira de Vasconcelos ter-se-á estreado no prelo como escritor no ano de 1554. Entretanto a *Comedia Eufrosina*, cuja data de composição Eugenio Asensio remete para os anos de 42/43, circulou anónima e manuscrita até 1555, ano em que saiu do prelo de João de Barreira. Esta obra teve quatro impressões quinhentistas, duas em Coimbra, (1555 e 1560) e duas em Évora, (1561 e 1566). A estas, seguiu-se a 1ª edição da *Ulysippo* antes de 1561, e do *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* em 1567. Entre a década de 50 e 60, com a edição do *Sagramor*, a reedição dupla da *Eufrosina* (4) a edição da *Ulysippo* (1556-59) e a do *Memorial* (1567), temos ao todo, pelo menos 7 impressões. Mas, este êxito assinalável foi contrariado pelas sucessivas entradas destes textos nos *Índices Inquisitorias* (1561, 1564 e 1581) da *Comedia Ulysippo*, e (1581) no caso da *Eufrosina*, um facto com consequências nefastas para a futura circulação e recepção da obra. Em resumo, as edições quinhentistas conheceram sucesso atestado pelas muitas edições mas, também, atribulações próprias do tempo. O *Sagramor* e a 1ª edição da *Ulysippo* desapareceram, a *Eufrosina* saíu de circulação e a *Aulegrafia* não chegaria a ser impressa, muito embora estivesse pronta, como dirá mais tarde D. António de Noronha, na dupla condição de genro e de editor. Hoje podemos afirmar que também esta comédia chegou até nós censurada. Outras obras se encontram por apurar, como é o caso do *Livro de Sortes* que saíu impresso em data incerta e que também se encontra mencionado nos *Índices* de 1564, 1581 e 1624.

Eugenio Asensio refere que uma leitura mais atenta da *Eufrosina* mostra desde o *Prologo* da comédia uma “inquietante” intimidade de Jorge Ferreira de Vasconcelos com duas das obras que figuravam no primeiro *Rol de livros proibidos: De Occulta*

Philosophia e *De Vanitate Scientiarum* de Cornelio Agrippa de Nettesheim, assinalando como exemplo o excerto do *Prologo* sobre o número 5, constituindo uma versão literal do primeiro tratado, uma mistura de cabala, astrologia e magia, que desaparece na edição expurgada de Francisco Lobo. Este estudioso relembra também que durante os anos de instrução de Jorge Ferreira, era grande a popularidade de Erasmo devido sobretudo ao pendor satírico burlão presente em *Os Coloquios*, ao *Elogio da Loucura*, ou mesmo no Erasmo pedagogo dos *Adagios*. Para o lusitanista e editor da *Eufrosina*, não escapou à sagacidade dos inquisidores a familiaridade de Ferreira de Vasconcelos com as obras de Erasmo, e refere que, cotejando duas obras de Gil Vicente e de Vasconcelos, se encontra em ambas uma situação cômica de uma obra de Erasmo, retirada do *Colóquio sobre el matrimonio*, na sua edição castelhana de 1532: a cena entre Pamfilo e Maria, glosada nas frases de Frei Paço e a moça Giralda. De facto, lendo o excerto de Erasmo, transcrito por Asensio, é fácil identificar o diálogo imitado por Jorge Ferreira de Vasconcelos, que se encontra na cena da discussão entre Sílvia de Sousa e o primo Zelótipo, onde se fala sobre as dificuldades do sujeito amador, ou seja, no final da cena 4ª do III acto da *Eufrosina*. Os tópicos retomados de Erasmo como a “alma”, “animo”, “animada”, ou “A alma está no corpo amado”, e outras, foram incorporados na tradição portuguesa por Gil Vicente e por Jorge Ferreira de Vasconcelos sendo de referir que esta fonte comum erasmiana se estenderia também, segundo Asensio, ao teatro de Camões, mais especificamente, ao *Auto de Filodemo*.

Este “pendor satírico”, erasmista ao tempo, é bem visível nas comédias de Vasconcelos. O estudo crítico sobre a acção das diversas censuras, prévia e *posteriori*, através de supressões ou alterações dos textos é indicativo do que incomodava os censores. Agora, é possível saber o que no texto da *Aulegrafia* foi expurgado, por comparação entre a edição póstuma de 1619 e a cópia manuscrita existente na Real Biblioteca de Palácio, em Madrid, verificando-se a mesma tendência a partir do cotejo entre a *editio princeps* da *Comedia Eufrosina* e a edição de Francisco Rodrigues Lobo de 1616. No artigo *Ventos de Espanha - La Eufrosina de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Uma tradução espanhola pouco conhecida*, publicado em 2008, Silvina Pereira, deu conta que o texto castigado por Rodrigues Lobo, censura e adapta o texto de Vasconcelos, introduzindo alterações em matérias políticas; casuísticas; eróticas; religiosas; astrológicas; linguísticas; morais; para além de omissões que transformam radicalmente o sentido do texto. Digamos que a atmosfera libertária, o ambiente de livre discussão que se respira na *Eufrosina* “nascida numa época em que eram maiores os

foros da literatura e menores os receios do poder” é suprimido. Em contrapartida, regista-se uma maior liberdade na tradução castelhana de Ballesteros, que parece coadunar-se com as linhas de força da cultura espanhola, conseguindo retomar e fazer reaparecer alguns elementos da versão original, não castigada por Lobo. São eles a picaresca e o tema do amante dissoluto. Exemplo gritante é o sacrifício da personagem don juanesca e imensamente sedutora de Cariófilo, que haveria de inspirar alguns autores castelhanos, como um D. João português, *avant la lettre*, precursor da universal personagem do burlador de mulheres de Tirso de Molina, e consequentemente também um dos pais do dissoluto *D. Juan* de Molière. Ao contrário do que aconteceu em Portugal, esta personagem, haveria de renascer e desenvolver-se num espaço que lhe era culturalmente mais favorável. A esse propósito, Xavier Fernández, deixou-nos um interessante estudo onde salienta a dependência textual de dois textos espanhóis (*Tan largo me lo fiáis* e *El Burlador de Sevilla*), face ao texto da *Comédia Eufrosina*, um desenvolvimento da tese defendida por Menéndez y Pelayo em *Orígenes de la Novela*, de que a *Comédia Eufrosina* teria sido uma das fontes peninsulares do *Don Juan* de Tirso de Molina. De facto, Cariófilo propõe-nos uma filosofia de imoralidade amatória idêntica à que viria a ser expressa por *Don Juan* de Tirso meio século depois. O burlador português, seria, assim, o antecedente certo do burlador espanhol. Conclui o investigador que há, portanto, uma dependência textual “desatendida hasta ahora”, pelos historiadores da lenda de *Don Juan*. E, se o texto dramático do elegante cortesão Jorge Ferreira de Vasconcelos, não foi em Portugal, fonte do género picaresco, tal como a sua imortal personagem do Cariófilo, “el gran garañón” de Portugal, não chegou a ter em território pátrio a descendência que veio a ter no restante território ibérico, justo será relembrar, que a fonte e matriz dessa universal personagem dramática nomeada como Don Juan, “el gran garañón de España”, poderá estar na *Comédia Eufrosina*.

Lisboa, 8 de Outubro de 2010.

Silvina Pereira

BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS - Carta de ofício de D. João III nomeando Jorge Ferreira [de Vasconcelos], como escrivão do tesouro da casa real. **Lisboa, 20 de Março de 1553.** IAN/TT, *Chancelaria de D. João III, Doações, Ofícios, Mercês, Livro 63, fl. 83*; Carta de ofício de D. Sebastião nomeando Luís Vicente, como escrivão do tesouro da casa real. **Lisboa, 10 de Julho de 1563.** IAN/TT, *Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique, Doações, Ofícios, Mercês, Livro 11, fl. 158 (MF 1619)*. Publicado, noutra transcrição, por Jacinto Inácio de Brito Rebelo, *Ementas Históricas II: Gil Vicente*, Lisboa, Empreza do “Ocidente”, 1902, p. 114; “Conhecimento”, ou recibo, passado pelo tesoureiro de D. Sebastião, Jorge Ferreira de Vasconcelos, a Alfonso de Zuñiga, tesoureiro da rainha D. Catarina de Áustria. **Lisboa, 12 de Maio de 1564.** IAN/TT, *Corpo Cronológico, Colecção S. Lourenço, Parte I, Maço 106, Documento 133, fl. 2.*; Alvará da rainha D. Catarina de Áustria dirigido aos contadores do seu tesouro. **Lisboa, 22 de Maio de 1564.** IAN/TT, *Corpo Cronológico, Colecção S. Lourenço, Parte I, Maço 106, Documento 133, fl. 2 v.*; Carta de quitação de D. Sebastião para Jorge Ferreira de Vasconcelos, pelo ofício de tesoureiro. **Lisboa, 26 de Julho de 1576.** IAN/TT, *Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique, Privilégios, Livro 11, fls. 85v-86.*; Assento de casamento de D. António de Noronha com a Senhora Dona Briolanza Mendes de Vasconcelos. **Lisboa, 23 de Novembro de 1584.** IAN/TT, *Registos Paroquiais, Lisboa, Sacramento, M (Mistos), Maço 1, Caixa 1, fl. 31 (MF 1051).*; Carta de quitação de D. Filipe I em favor de Jorge Ferreira de Vasconcelos, pelo ofício de tesoureiro do Armazém da Guiné e Índia. **Lisboa, 28 de Outubro de 1588.** DGARQ/ANTT, *Chancelaria de D. Filipe I, Privilégios, Livro 5, fls. 250-250 v.*; Carta de quitação de D. Filipe I em favor de Jorge Ferreira de Vasconcelos, pelo ofício de tesoureiro do Armazém da Guiné e Índia. **Lisboa, 7 de Dezembro de 1588.** DGARQ/ANTT, *Chancelaria de D. Filipe I, Privilégios, Livro 5, fl. 249 v.*; [BARRETO, João Franco] *Bibliotheca Lusitana*. Autores Portuguezes - 1ª. Parte Offerecida por, João Franco Barreto seu Autor natural da Cidade de LXª. Autor da Eneida Portugueza, 1670 (ca) fl. 673v 674 e 674v. Fotocópia do texto manuscrito; Comédia de don Antonio de Noronha. En portugué. 4º = Vasconcellos, Jorge Ferreira de, [Aulegraphia]. Ao conde de Salinas, duque de Franca Villa e Ribadeu, do conselho do estado de sua magestade e presidente do conselho de Portugal, etc. [por dom Antonio de Noronha]. – II/1519. – Cat. Mss. II, 70.

FONTES IMPRESSAS - [Jorge Ferreira de Vasconcelos] - *COMEDIA EUFROSINA*. Novamente impreffa & emmendada por Francisco Roiz Lobo. Offrecida a Dom Gastão Coutinho. Em Lisboa, com Privilegio. Com todas as licenças e aprovações necessárias. Lisboa, por António Alvarez. Anno 1616, 4, 223 f. ; *COMEDIA ULYSIPPO* de Jorge Ferreira de Vasconcellos. Nesta segunda impressão apurada, & correcta de alguns erros da primeira. Com todas as licenças necessárias. Em Lisboa: Na officina de Pedro Craesbeeck. Anno M.DCXVIII, 278 f.; *COMEDIA AULEGRAFIA* feita por Jorge Ferreira de Vasconcellos. Agora novamente impressa à custa de Dom Antonio de Noronha. Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa. Por Pedro Craesbeeck. Anno 1619, 4, 186 f. ; [Jorge Ferreira de Vasconcelos] - *COMEDIA DE EUFROSINA* traducida de lengua portuguesa en castellana por el Capitan Don Fernando de Ballesteros y Saabedra, “Introdução”, de Don Francisco de Quevedo y Villegas. Madrid, en la Imprensa del Reino, Año de 1631. A costa de Domingo González.; VASCONCELLOS, Jorge Ferreira de, *Comédia Eufrosina*, texto de la Edicion principe de 1555 com las variantes de 1561 y 1566. Edición, prólogo y notas de Eugenio Asensio. CSIC – Instituto Miguel de Cervantes. Madrid 1951.; VASCONCELOS, Jorge Ferreira de, *Epístola*, [edição de Jean Subirats], Farândola, Paris, 1997.; VASCONCELOS, Jorge Ferreira, *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, Prefácio, actualização, transcrição do texto e notas de João Palma-Ferreira, Porto. Lello Editores, 1998.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA (sécs. XVI- XVIII)

[GÂNDAVO, Pero Magalhães de], *Regras que Ensinam a Maneira de Escrever e Orthografia da Lingua Portuguesa* [...], Autor, Pero de Magalhães de Gândavo, Em Lisboa, Na officina de António Gonçalves. Anno de 1574, f. 31v.; [MACHADO, Diogo Barbosa] *Bibliotheca Lusitana*, Diogo Barbosa Machado, “JORGE FERREYRA DE VASCONCELLOS”, Tomo II de M.D.CC.XL.VII e Tomo IV de M. DCC. LIX,

OBRAS SOBRE JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS

ALMEIDA, Isabel “Cores de uma manta de Alentejo – notas sobre o texto do Auto do Filodemo, in *Camões – tanta guerra, tanto engano*. Um espectáculo de Silvina Pereira filmado por Paulo Rocha, CD-Rom, ICAM, edição Teatro Maizum, Lisboa, 2004; ANASTÁCIO, Vanda, (edição, prefácio e notas) *Teatro Completo de Luís de Camões*, Porto, Caixotim Edições, 2005.; ANSELMO, António Joaquim, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926.; ASENSIO, Eugenio, (edição, prólogo e notas) *Comedia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, « texto de la edicion principe de 1555 com las variantes de 1561 y 1566», Madrid, CSIC – Instituto Miguel de Cervantes. 1951.; BRAGA, Teófilo, *História do theatro portuguez II – A comedia classica e as Tragicomedias, seculos XVI e XVII*, Porto, Imprensa Portugueza – Editora, 1870.; CAMÕES, José, “Um outro rascunho da vida cortesã: uma cópia inédita da *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos”

Românica, nº. 17, Revista de Literatura, Lisboa, FLUL, 2008.; CASTRO, Aníbal Pinto de, *CAMÕES*, (Luís Vaz de), in *Biblos* nº. I, Coimbra, Ed. Verbo, 1995, pp. 884-905.; GAYO, Felgueiras, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Tomo Vigésimo primeiro, impressão diplomática do original manuscrito, existente na Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, propriedade e edição de Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso, fac-símile da 1ª ed. de 1938, 3ª edição, de Carvalhos de Basto, Braga, 1992.; CIDADE, Hernâni, *Luís de Camões – A obra e o homem*, Lisboa, ed. Arcádia, 1979. FERNÁNDEZ, Xavier A., “Una fuente Portuguesa de “Tan Largo Me Lo Fiáis”, in *GRIAL*, Revista Galega de Cultura, nº. 14. Out. - Dez., Vigo, Editorial Galaxia, SA, 1966, pp. 408-418. ; LOUREIRO, Maria Carlos, (Coor.) Programa do espectáculo *Comédia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, Dramaturgia e encenação de Silvina Pereira, estreado a 27 de Março de 1995, na Igreja do Convento dos Inglesinhos, em Lisboa, Produção Teatro Maizum, 1995.; MENÉNDEZ y Pelayo, Marcelino, (3ª edição castelhana com um estudo preliminar da “Comedia de Evfrosina, [Jorge Ferreira de Vasconcelos], Traducida de lengua portuguesa en castellana, por el capitan Don Fernando de Ballesteros y Saabedra, Al Sereníssimo Señor Infante Don Carlos, Con privilegio. En Madrid, en la Imprensa del Reino. Año de 1631. A costa de Domingo Gonçalez”), *Orígenes de la Novela*, tomo III, Madrid, N.B.A.E., 1910.; PEREIRA, Silvina, Programa do espectáculo *Camões – tanta guerra, tanto engano*, uma selecção de textos, (*Filodemo*, cartas e poemas) de Luís de Camões. Dramaturgia e encenação de Silvina Pereira, estreado na Igreja do Convento dos Inglesinhos, em Lisboa, Produção Teatro Maizum, 1996.; PEREIRA, Silvina e Rosário Laureano SANTOS, Adaptação da *Comédia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, Lisboa, Edições Colibri, 1998.; PEREIRA, Silvina, “Arquivos Falantes – 5 Documentos inéditos sobre Jorge Ferreira de Vasconcelos” in *Românica*, nº. 17, Revista de Literatura, Lisboa, FLUL, 2008. ; PEREIRA, Silvina, “Ventos de Espanha. La *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos. Uma tradução espanhola pouco conhecida” in *Act 15 – Teatro e tradução/palcos de encontro*, Lisboa, Campo das Letras, 2008.; PEREIRA, Silvina Martins, *Tras a nevoa vem o sol – as comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos*, tese de Doutoramento em Estudos Artísticos/Estudos de Teatro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010. ; REBELLO, J. I. de Brito, *Ementas Históricas II: Gil Vicente*, Lisboa, Empreza do “Ocidente”, 1902.; REBELLO, Luiz Francisco, *Variações sobre o teatro de Camões*, Lisboa, Editorial Caminho, 1980. ; RIBEIRO, Aquilino, Camões, Camilo, Eça e alguns mais, Livraria Bertrand, Lisboa, 4ª edição, 1949.; ROSSI, Giuseppe Carlo, *A comédia «Eufrosina» nas páginas de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos e de D. Marcelino Menéndez y Pelayo (com inéditos)*, Separata de *Biblos*, vol. XXIII, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1948.; SÁ, Artur Moreira de, (Apresentação, estudo introdutório e reprodução fac-similada dos índices, por...), *Índices dos Livros Proibidos em Portugal no Século XVI*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983.; SARAIVA, António José, *História da Cultura em Portugal*; Vol. III, Lisboa: jornal do Foro, 1962.; SARAIVA, José Hermano, *Vida ignorada de Camões*, 1ª. Edição, Lisboa, Publicações Europa-América, 1978. ; SENA, Jorge de, *Estudos de Literatura Portuguesa*, I, 2ª. Edição aumentada, Lisboa, Edições 70, 2001; SUBIRATS, Jean, *Jorge Ferreira de Vasconcelos - Visages de son oeuvre et de son temps*, tomo I e II, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1982. ; SUBIRATS, Jean, (edição), *Epístola* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, Paris, Farândola, 1997.

Dicionário Camões

Dir. Vítor Aguiar e Silva

Ed. Caminho

Lançamento a 10 de Junho de 2011